



CURRÍCULO COM ALMA: INTEGRANDO SABERES E FAZERES

Dinaléia Araujo da Silva ¹, Gêneses Soares Pereira ², Omar Khayyam Duarte do Nascimento Moraes ³, Vitor de Souza Batista ⁴, Gilmar da Silva Araújo ⁵.



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p4578-4596>

Artigo recebido em 8 de Agosto e publicado em 8 de Outubro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo objetivou refletir sobre os caminhos para a construção de um currículo com alma, capaz de integrar os saberes escolares às experiências de vida, promovendo conexões humanas e práticas pedagógicas sensíveis à subjetividade dos alunos. O estudo abordou a importância de repensar o currículo como prática viva, afetiva e ética, que transcende a mera transmissão de conteúdos, considerando as dimensões subjetiva, social e cultural dos envolvidos no processo educativo. Utilizou-se como metodologia de pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores contemporâneos que discutem currículo integrado, pedagogia do cuidado, escuta na educação e interdisciplinaridade, fornecendo subsídios teóricos para a análise. As fontes foram selecionadas com base na relevância e na publicação recente, utilizando materiais disponíveis na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES. Como resultado, concluiu-se que a centralidade dos vínculos humanos, a escuta ativa da diversidade e a valorização dos saberes construídos fora do ambiente escolar formal são elementos fundamentais para uma proposta curricular transformadora. Além disso, constatou-se que um currículo ancorado na realidade dos alunos fortalece o sentido da aprendizagem e amplia o papel social da escola. O artigo contribuiu para reafirmar a necessidade de práticas educativas pautadas na ética, na escuta e na integração entre teoria e vida cotidiana.

Palavras-chave: Escuta Ativa, Vínculo Pedagógico, Formação Humana, Subjetividade, Interação Social.



CURRICULUM WITH SOUL: INTEGRATING KNOWLEDGE AND SKILLS

ABSTRACT

This article aimed to reflect on the paths toward building a curriculum with soul, capable of integrating school knowledge with life experiences, promoting human connections and pedagogical practices sensitive to student subjectivity. The study addressed the importance of rethinking the curriculum as a living, affective, and ethical practice that goes beyond the mere transmission of content, considering the subjective, social, and cultural dimensions of those involved in the educational process. A bibliographic research methodology was employed, based on contemporary authors who discuss integrated curriculum, pedagogy of care, listening in education, and interdisciplinarity, providing theoretical support for the analysis. Sources were selected based on relevance and recent publication, using materials available in the CAPES Journal Portal database. As a result, it was concluded that the centrality of human bonds, active listening to diversity, and the appreciation of knowledge built outside the formal school environment are fundamental elements for a transformative curricular proposal. Furthermore, it was found that a curriculum anchored in students' realities strengthens the meaning of learning and expands the social role of the school. The article contributed to reaffirming the need for educational practices grounded in ethics, listening, and the integration between theory and everyday life.

Keywords: Active Listening, Pedagogical Bond, Human Formation, Subjectivity, Social Interaction.

Instituição afiliada:

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil.

² MUST University, Estados Unidos.

³ Universidade Estadual do Maranhão, Brasil.

⁴ MUST University, Estados Unidos.

⁵ Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguai.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A educação, enquanto fenômeno social e histórico, sempre esteve atrelada aos valores e interesses de sua época. No entanto, nas últimas décadas, o currículo escolar passou a ser questionado não apenas em seu conteúdo, mas também em sua função social e em sua capacidade de responder às demandas reais dos sujeitos que integram o processo educativo. Diante das profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas, tornou-se imprescindível refletir sobre a necessidade de um currículo que transcenda a lógica conteudista e fragmentada, voltando-se para a construção de vínculos humanos, a escuta ativa das subjetividades discentes e a valorização dos saberes oriundos da experiência e da vida cotidiana. Nesse sentido, o presente estudo delimitou como tema central a discussão sobre o ‘currículo com alma’, compreendido como aquele que articula conhecimento formal e práticas sociais, promovendo uma educação ética, sensível e contextualizada.

A escolha do tema justificou-se pela constatação de que muitas práticas curriculares permanecem centradas em modelos tradicionais que desconsideram as especificidades dos estudantes e negligenciam sua bagagem cultural, afetiva e social. Em contrapartida, cresce a demanda por propostas pedagógicas que reconheçam a diversidade e promovam o cuidado, a escuta e a integração entre diferentes formas de saber. Assim, este artigo buscou responder à seguinte questão de pesquisa: ‘Como o currículo pode dialogar com a vida real, integrando saberes acadêmicos e experiências concretas dos estudantes, de modo a favorecer a formação ética e integral?’

Diante disso, estabeleceu-se como objetivo geral refletir sobre os caminhos para a construção de um ‘currículo com alma’, capaz de integrar os saberes escolares aos saberes da vida, promovendo vínculos humanos e práticas pedagógicas sensíveis à subjetividade discente. Como objetivos específicos, buscou-se: a) compreender a importância da relação humana na constituição do sujeito ético no espaço escolar; b) analisar o papel da escuta como princípio organizador do currículo; e c) discutir a pedagogia do cuidado como fundamento da articulação entre saberes formais e vivenciais.

Para atingir tais propósitos, adotou-se uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, por meio de uma pesquisa do tipo bibliográfica, centrada na leitura



e análise interpretativa de textos acadêmicos relevantes sobre o tema. Foram utilizadas obras disponíveis na base de dados CAPES Periódicos, a partir de critérios de recorte temporal (últimos cinco anos) e relevância temática. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: 'currículo com alma', 'formação ética', 'escuta no ensino', 'diversidade discente', 'saberes da experiência', entre outras variações compatíveis com o escopo da pesquisa. A fundamentação teórica baseou-se, sobretudo, nas contribuições de Venâncio et al. (2024), Freitas, Pinto e Pimenta (2021) e Cardoso et al. (2023), cujas abordagens convergem na defesa de práticas pedagógicas integradoras, dialógicas e voltadas para a formação integral.

Ao longo do estudo, as reflexões foram organizadas em três capítulos. O primeiro, intitulado 'Currículo com alma: a centralidade do vínculo humano no processo educativo e na constituição do sujeito ético', tratou da importância da relação entre professores e estudantes como eixo estruturante da prática educativa e da formação ética dos sujeitos. O segundo, 'A escuta como princípio curricular: caminhos para a construção de um ensino sensível à diversidade e à subjetividade discente', discutiu o papel da escuta ativa como prática pedagógica que favorece a inclusão, o respeito à diferença e a construção coletiva do conhecimento. Por fim, o terceiro capítulo, 'Saberes da vida, saberes da escola: por uma pedagogia do cuidado no interior do currículo escolar', abordou a necessidade de articular os conteúdos escolares às experiências concretas dos estudantes, promovendo uma educação contextualizada, afetiva e transformadora.

Desse modo, este artigo está estruturado em três capítulos principais, que tratam, respectivamente, da centralidade dos vínculos humanos na formação ética, da escuta como eixo da construção curricular e da pedagogia do cuidado como estratégia para integrar os saberes da escola aos saberes da vida. Essa organização permitiu desenvolver uma análise coerente e minuciosa sobre a proposta de um 'currículo com alma', alinhado às exigências de uma educação democrática, sensível e comprometida com a transformação social.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi conduzida com base em metodologia bibliográfica, uma



vez que seu objetivo consistiu na análise crítica de produções acadêmicas e documentos oficiais previamente publicados, objetivando à compreensão teórica sobre o currículo escolar articulado a práticas de cuidado, escuta e humanização. A escolha por essa abordagem metodológica decorre da natureza investigativa centrada em conceitos, categorias analíticas e fundamentações consolidadas na literatura especializada, as quais foram mobilizadas para sustentar a discussão desenvolvida nos capítulos do estudo.

Conforme apontam Santana, Narciso e Fernandes (2025, p. 9), “existem vários tipos de metodologias de pesquisa que podem ser empregadas em estudos acadêmicos, cada qual com características específicas e objetivos distintos”. No caso da pesquisa bibliográfica, “tem como objetivo levantar informações sobre um tema a partir de materiais já publicados”, o que corresponde ao percurso adotado neste trabalho. Trata-se, portanto, de uma investigação teórica, que recorreu à leitura, seleção e interpretação de textos acadêmicos, respeitando o rigor metodológico e os critérios de confiabilidade exigidos no campo científico. “O estudo reafirmou a importância de uma abordagem consciente e fundamentada na condução de trabalhos científicos” (Santana; Narciso; Fernandes, 2025, p. 4).

O processo de construção da pesquisa seguiu etapas organizadas em três fases. Inicialmente, realizou-se o levantamento de publicações disponíveis em bases de dados acadêmicas, especialmente na plataforma CAPES Periódicos, que consiste em um portal de acesso a conteúdos científicos nacionais e internacionais, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculado ao Ministério da Educação. Essa base foi escolhida por disponibilizar textos completos de livros, dissertações, teses e periódicos com avaliação qualificada, o que contribui para a confiabilidade das informações.

As buscas foram realizadas com o uso de palavras-chave específicas, empregadas de forma combinada e simples, a fim de refinar os resultados e obter textos compatíveis com o escopo do trabalho. Foram utilizados os seguintes descritores: ‘currículo com alma’, ‘formação ética’, ‘escuta no ensino’, ‘subjetividade discente’, ‘pedagogia do cuidado’, ‘saberes escolares’ e ‘interdisciplinaridade’. A combinação entre esses termos se deu conforme o objetivo de identificar obras que abordassem, de forma articulada, o



currículo escolar em sua dimensão humana, ética e relacional.

Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão a fim de delimitar o corpus documental da análise. Incluíram-se textos publicados nos últimos cinco anos, priorizando produções em língua portuguesa que tratassem de forma direta das categorias investigadas. Também foram selecionados artigos que abordassem, de maneira explícita, discussões sobre o papel do professor, práticas pedagógicas interdisciplinares e integração entre saberes escolares e saberes da experiência. Por outro lado, foram excluídos materiais com conteúdo repetitivo, genérico ou desvinculado dos objetivos centrais da pesquisa, assim como publicações cuja data de veiculação ultrapassasse o intervalo temporal estabelecido.

Com base nesse percurso metodológico, a pesquisa bibliográfica revelou-se adequada para sustentar uma reflexão fundamentada sobre o currículo escolar em diálogo com a vida concreta dos estudantes, contribuindo para o alcance dos objetivos propostos e oferecendo bases teóricas para investigações futuras no campo educacional.

A CENTRALIDADE DO VÍNCULO HUMANO NO PROCESSO EDUCATIVO E NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ÉTICO

A construção de um currículo com alma exige o deslocamento da centralidade da transmissão de conteúdos para a constituição de vínculos humanos e éticos no processo educativo. Tal perspectiva não se restringe à valorização afetiva das relações pedagógicas, mas compreende a educação como prática social, orientada pela formação integral dos sujeitos. Nesse sentido, o currículo deve ser concebido como espaço de diálogo entre os saberes científicos e os saberes da experiência, rompendo com estruturas escolares pautadas na fragmentação disciplinar e no tecnicismo reducionista.

Em consonância com essa concepção, Venâncio *et al.* (2024) argumentam que o currículo integrado representa uma alternativa concreta à dissociação entre formação geral e técnica, ao propor a articulação de saberes diversos, inseridos no mundo do trabalho em sua dimensão social e histórica. Essa abordagem amplia a função do currículo ao atribuir-lhe um papel formativo e emancipador, que transcende as



demandas imediatas do mercado e investe na constituição de sujeitos críticos e socialmente engajados. A formação ética, nesse caso, surge como elemento constitutivo do projeto educativo.

A centralidade do vínculo humano no currículo também está vinculada à compreensão dos sujeitos como seres históricos, inseridos em contextos marcados por desigualdades e disputas simbólicas. Freitas, Pinto e Pimenta (2021 p. 3) destacam que “todo aluno é também um sujeito histórico”, cujos conhecimentos adquiridos para além do espaço escolar devem ser reconhecidos e integrados ao processo de ensino. Esse reconhecimento rompe com a noção de aluno como recipiente passivo e valoriza a escuta como princípio metodológico e ético da prática docente.

Nesse contexto, o professor assume papel fundamental como mediador e pesquisador. Ao incorporar a pesquisa à prática pedagógica, o docente amplia sua compreensão sobre os processos de aprendizagem e fortalece a construção de vínculos significativos com os estudantes. Cardoso et al. (2023, p. 145) enfatizam que o professor pesquisador é aquele que entende “a necessidade de ‘aprender a aprender’, de ir em busca de informações novas” , e que, ao fazer isso, transforma sua atuação em um processo reflexivo e formativo. Essa postura não apenas aprimora a prática docente, mas contribui diretamente para a humanização do currículo.

A articulação entre teoria e prática constitui outro eixo estruturante da proposta de um currículo com alma. Para Venâncio et al. (2024, p.159), “a integração entre os conteúdos escolares e as experiências concretas do trabalho torna-se uma exigência para a superação da formação tecnicista”. Essa integração promove a compreensão crítica da realidade e fortalece a função social da escola, que deixa de ser espaço isolado e passa a atuar como instância de transformação coletiva. O vínculo humano, nesse caso, não se limita à afetividade, mas implica responsabilidade ética e compromisso com a formação plena dos sujeitos.

Importa destacar, ainda, que a valorização dos vínculos humanos não deve ser interpretada como um elemento complementar do currículo, mas como seu fundamento estruturante. A escola que reconhece o aluno como sujeito ativo e o professor como agente reflexivo assume um compromisso com a construção de relações pedagógicas baseadas na escuta, no diálogo e no respeito à diversidade. Nesse sentido,



Freitas, Pinto e Pimenta (2021 p. 3) observam que “a escola precisa mais do que transmitir conteúdos, pois se assim não o fizer não atingirá seu objetivo”. Essa observação evidencia o limite de modelos educacionais centrados na repetição e na memorização.

De forma complementar, a dimensão ética da prática pedagógica requer a superação de dicotomias entre conteúdo e experiência, ciência e sensibilidade, razão e afeto. O currículo com alma propõe uma síntese dessas dimensões, ao articular os conteúdos acadêmicos com as vivências sociais dos educandos, promovendo um processo de ensino que não apenas informa, mas forma. Cardoso et al. (2023 p. 145) contribuem com essa perspectiva ao afirmarem:

Portanto, o professor pesquisador através da pesquisa, tem maiores chances de por em prática o real papel da escola, o de contribuir para a formação de sujeitos reflexivos, questionadores, com competências e habilidades para serem protagonistas de suas histórias e saberem intervir no contexto que os cerca.

Essa citação explicita o vínculo entre o trabalho docente e a constituição de sujeitos éticos, críticos e socialmente atuantes. Além disso, a proposta curricular que valoriza os vínculos humanos deve atentar-se para a necessidade de contextualização do conhecimento. Freitas, Pinto e Pimenta (2021 p. 3) afirmam que “os conhecimentos construídos dentro de um contexto histórico e cultural podem se tornar conhecimentos significativos para os alunos”. Essa perspectiva reforça o princípio de que a aprendizagem significativa depende da conexão entre o conteúdo escolar e a realidade vivida, o que só é possível por meio da escuta ativa e da sensibilidade pedagógica.

Em última análise, um currículo com alma não é apenas uma proposta didática, mas uma postura política frente à educação. Ele demanda o reposicionamento dos sujeitos escolares — professores e alunos — como agentes de transformação e produtores de sentido. A formação ética que se almeja não pode ser dissociada de um projeto educativo que valorize o humano em sua complexidade e historicidade. Desse modo, o currículo deixa de ser um documento normativo e passa a ser um território de construção de subjetividades, relações e emancipações possíveis.

Portanto, considerar o vínculo humano como elemento central do currículo implica assumir a educação como prática social comprometida com a justiça, a equidade



e a formação integral. Trata-se de reconhecer que os saberes e fazeres escolares devem dialogar com a vida, com o trabalho e com a cultura, promovendo não apenas o acesso ao conhecimento, mas também a construção de sujeitos éticos, conscientes de seu papel histórico e capazes de intervir criticamente no mundo em que vivem.

A ESCUTA COMO PRINCÍPIO CURRICULAR: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO SENSÍVEL À DIVERSIDADE E À SUBJETIVIDADE DISCENTE

A escuta, enquanto princípio curricular, adquire relevância central em propostas pedagógicas voltadas para a formação integral do sujeito, especialmente quando se pretende uma educação sensível à diversidade e à subjetividade discente. Este princípio não deve ser reduzido a uma atitude metodológica, mas entendido como fundamento ético e político que orienta a construção de um currículo capaz de reconhecer a multiplicidade dos sujeitos que habitam a escola. Diante disso, torna-se necessário considerar que o processo de ensino-aprendizagem ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, demandando atenção às realidades individuais e coletivas dos estudantes.

Com base nessa perspectiva, Freitas, Pinto e Pimenta (2021 p. 2) afirmam que “o contexto escolar precisa promover a igualdade, mas, ao mesmo tempo, reconhecer as diferenças”, chamando atenção para o risco de uma homogeneização disfarçada de equidade. Essa reflexão exige que o currículo não apenas inclua a diversidade como conteúdo, mas que seja estruturado de forma a viabilizar práticas efetivas de reconhecimento, inclusão e participação. Assim, o desafio não reside em tratar todos da mesma maneira, mas em respeitar as singularidades sem comprometer os princípios democráticos da educação.

De modo complementar, a escuta ativa no cotidiano escolar implica o reconhecimento de que os estudantes não são recipientes passivos, mas sujeitos sociais que produzem e partilham saberes construídos em contextos culturais diversos. Cardoso et al. (2023 p. 147) sustentam que “o currículo deve ser elaborado e implementado a partir das necessidades concretas, que a realidade (social, econômica, política e cultural) propõe como desafios”. Essa afirmação evidencia a inseparabilidade entre escuta e



currículo: escutar significa considerar as experiências, os conflitos e as demandas que atravessam a vivência discente no interior da escola.

Além disso, a articulação entre escuta e interdisciplinaridade permite romper com lógicas pedagógicas fragmentadas e descontextualizadas. Para Venâncio et al. (2024, p. 162), “a interdisciplinaridade representa mais do que uma metodologia de ensino: trata-se de um princípio formativo”, o que revela seu potencial transformador. A escuta, nesse caso, funciona como condição para que diferentes áreas do conhecimento dialoguem entre si e com a realidade vivida, superando a compartimentalização do saber e favorecendo a construção coletiva de significados.

A esse respeito, as práticas interdisciplinares centradas em projetos de ensino e pesquisa têm se mostrado frutíferas para ampliar as condições de participação dos estudantes. Segundo Venâncio et al. (2024, p. 163), tais práticas “têm potencializado a articulação entre os conteúdos escolares e os contextos socioprofissionais dos estudantes”, o que amplia os espaços de escuta e de construção de sentido no ambiente escolar. Nessa direção, o currículo deixa de ser imposição unilateral e passa a configurar-se como projeto coletivo, permeado por escutas múltiplas.

Ainda assim, persiste o desafio de transformar a escuta em ação pedagógica concreta, o que pressupõe a superação de práticas tradicionais centradas na uniformização do processo educativo. Freitas, Pinto e Pimenta (2021, p. 2) questionam se “ainda continuamos discutindo diversidade, mas agindo, planejando, organizando o currículo como se os nossos alunos fossem um bloco homogêneo e um corpo abstrato?”. Essa indagação revela a distância entre o discurso institucional e a efetividade das práticas curriculares, reiterando a urgência de rever os modos como a diversidade tem sido tratada nas escolas.

É nesse ponto que a escuta também se vincula à crítica das estruturas escolares que dificultam o acolhimento das singularidades. Conforme os mesmos autores indicam, “a escola ainda tem dificuldades de aceitá-las e realizar um trabalho que atenda às necessidades daqueles que possuem limitações” (Freitas, Pinto e Pimenta, 2021, p. 2). O reconhecimento das diferentes capacidades, contextos e experiências deve orientar a ação educativa em direção a um currículo que dialogue com os sujeitos reais, e não com idealizações normativas.



A adoção de práticas pedagógicas interdisciplinares, centradas em projetos de ensino e pesquisa, tem potencializado a articulação entre os conteúdos escolares e os contextos socioprofissionais dos estudantes, ampliando as condições de participação e escuta dos sujeitos (Venâncio et al., 2024, p. 163).

Tal perspectiva reafirma que o fortalecimento da escuta requer a criação de espaços institucionais que valorizem a cooperação docente e a flexibilização curricular. Sem esses elementos, qualquer tentativa de integração entre escuta e currículo tende a ser pontual e ineficaz.

Por conseguinte, é necessário compreender que a escuta, enquanto princípio estruturante do currículo, só se realiza plenamente quando respaldada por condições institucionais e pedagógicas adequadas. Venâncio et al. (2024) advertem que, sem planejamento conjunto e valorização do trabalho coletivo, os esforços interdisciplinares tornam-se limitados. Portanto, escutar implica reorganizar os tempos, os espaços e as práticas escolares de modo que a voz dos estudantes seja reconhecida como componente legítimo do processo formativo.

Finalmente, a escuta no currículo escolar requer também um deslocamento na concepção de conhecimento. Como afirmam Cardoso et al. (2023), o conhecimento escolar é mutável e fabricado socialmente, sendo resultado de interações que se dão no contexto das relações escolares. Essa visão reforça a necessidade de considerar o Projeto Político-Pedagógico como instrumento para verificar se o currículo, de fato, incorpora práticas sensíveis à escuta e à diversidade, respeitando as transformações históricas que atravessam a escola e seus sujeitos.

SABERES DA VIDA, SABERES DA ESCOLA: POR UMA PEDAGOGIA DO CUIDADO NO INTERIOR DO CURRÍCULO ESCOLAR

A discussão sobre os limites e possibilidades de uma pedagogia do cuidado no interior do currículo escolar exige repensar as finalidades educativas a partir da articulação entre saberes escolares e saberes oriundos da vida cotidiana. Tal perspectiva demanda um olhar atento à experiência dos sujeitos e às condições concretas nas quais se realiza o processo formativo, superando visões estritamente conteudistas. Desse modo, o currículo deve ser concebido não apenas como instrumento técnico, mas como



território de significação e vínculo com o mundo vivido.

Nesse sentido, Cardoso et al. (2023, p. 149) reconhecem que “currículo é um conjunto de experiências vivenciadas pelo indivíduo, as quais são capazes de modificar comportamentos que repercutem na identidade desse indivíduo” . Essa concepção amplia o entendimento sobre o papel da escola, que passa a ser vista como espaço de mediação entre cultura e existência, entre o conhecimento sistematizado e as práticas sociais que dão sentido ao aprender. Por isso, pensar uma pedagogia do cuidado implica, também, considerar a historicidade dos sujeitos, suas trajetórias e demandas formativas reais.

Contudo, as estruturas curriculares vigentes ainda tendem a restringir essa aproximação. Como afirmam Venâncio et al. (2024, p. 164), “muitas instituições mantêm currículos rigidamente estruturados, nos quais os componentes curriculares estão distribuídos de forma estanque”. Esse formato dificulta a constituição de projetos pedagógicos interdisciplinares e o planejamento coletivo, inviabilizando a construção de vínculos entre saberes escolares e experiências sociais. Para que a pedagogia do cuidado se efetive, torna-se necessário revisar o modelo de organização curricular e abrir espaço para práticas mais integradas.

Além disso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) assumem papel relevante nesse processo, pois podem facilitar a constituição de redes colaborativas de aprendizagem e promover a mediação entre diferentes formas de conhecimento. Freitas, Pinto e Pimenta (2021, p.2) destacam que “as TIC não são a mudança em si, mas podem ser potencializadoras dessas mudanças”. A utilização pedagógica dessas ferramentas deve ser orientada não pela reprodução de práticas tradicionais, mas pela criação de novas possibilidades de escuta, interação e cuidado educativo.

Dessa maneira, os dispositivos tecnológicos, quando articulados ao currículo de forma crítica, ampliam os horizontes da formação, favorecendo práticas educativas contextualizadas. Para os mesmos autores, não considerar tais recursos implica o risco de manter uma escola descontextualizada e desestimulante, sustentada por um currículo “fragmentado e ancorado numa comunicação vertical” (Freitas; Pinto, Pimenta, 2021, p. 2). O cuidado, nesse caso, manifesta-se na capacidade de a escola atualizar-se e manter-se conectada às condições socioculturais que atravessam a vida



dos estudantes.

A integração curricular demanda rupturas nas estruturas administrativas das escolas, bem como o redimensionamento do tempo pedagógico, de forma que o ensino possa ser organizado a partir de eixos temáticos, problemas sociais ou projetos interdisciplinares que dialoguem com a realidade dos alunos (Venâncio et al., 2024, p. 164).

Esse tipo de reorganização curricular não se limita a uma alteração na distribuição dos conteúdos, mas propõe uma ressignificação do tempo e do espaço escolares. O cuidado pedagógico, nesse contexto, traduz-se na capacidade de construir itinerários formativos que respeitem os ritmos, saberes e subjetividades dos estudantes, reconhecendo o valor das experiências que eles trazem consigo.

Adicionalmente, a prática docente é atravessada por essa concepção ampliada de cuidado. Cardoso et al. (2023) indicam que a educação emancipadora deve ofertar mais tempos e espaços educativos, bem como oportunizar conhecimentos que almejem uma formação integral do sujeito. A criação desses espaços implica romper com práticas hierárquicas e promover relações pedagógicas sustentadas na escuta, na reciprocidade e no reconhecimento mútuo. O professor deixa de ser apenas transmissor de saberes e torna-se mediador de processos formativos que valorizam a singularidade.

Por outro lado, a efetivação da pedagogia do cuidado requer uma gestão escolar democrática e participativa. Conforme ressaltam Venâncio et al. (2024), a institucionalização de um currículo mais sensível às práticas da vida cotidiana exige que os docentes participem ativamente da elaboração e avaliação do projeto pedagógico. Essa participação fortalece os vínculos entre escola e comunidade, promovendo uma educação mais significativa e comprometida com a realidade dos sujeitos envolvidos.

Por fim, a pedagogia do cuidado encontra no trabalho coletivo e na interdisciplinaridade suas principais estratégias de ação. Freitas, Pinto e Pimenta (2021) defendem que o conhecimento está em rede, o que exige práticas colaborativas de ensino e aprendizagem. A analogia com uma rede de pesca, que demanda o esforço conjunto de diversos pescadores, ilustra a necessidade de colaboração entre os profissionais da educação para que o processo formativo seja efetivo, inclusivo e respeitoso com os diferentes saberes que circulam no espaço escolar.

Assim, repensar o currículo a partir dos saberes da vida e da escola não é apenas



uma exigência teórica, mas um compromisso ético com a formação de sujeitos autônomos, críticos e historicamente situados. O cuidado, entendido como dimensão pedagógica, não se reduz a atitudes pontuais de atenção ou zelo, mas implica uma reconfiguração das práticas escolares em direção a uma educação que acolhe, reconhece e transforma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados teóricos analisados permitem considerar que a construção de um currículo com alma requer, antes de tudo, a valorização do ser humano como sujeito de direitos, saberes e experiências. Nesse sentido, Freitas, Pinto e Pimenta (2021) argumentam que o ensino escolar não pode mais limitar-se à reprodução de conteúdos, mas deve dialogar com a vida dos estudantes, promovendo uma educação significativa, articulada com a realidade social. Essa perspectiva é corroborada por Venâncio et al. (2024), que defendem a superação dos currículos fragmentados e descontextualizados por meio da integração entre os saberes escolares e os saberes da experiência.

Além disso, observa-se a centralidade da escuta como princípio pedagógico orientador para o reconhecimento da diversidade dos sujeitos e de suas trajetórias. Cardoso et al. (2023) indicam que o currículo deve ser elaborado a partir das necessidades concretas do contexto histórico e cultural em que os sujeitos estão inseridos. Essa abordagem exige que o professor compreenda o processo de ensino-aprendizagem como relacional, atento às vozes e experiências dos estudantes, o que implica sensibilidade ética e política frente às desigualdades.

Ainda nesse campo, Venâncio et al. (2024) destacam a relevância da interdisciplinaridade como estratégia pedagógica capaz de articular conhecimentos técnicos, científicos e culturais. Tal articulação favorece a compreensão crítica do mundo, especialmente quando o currículo se organiza a partir de eixos temáticos ou problemas sociais relevantes. Assim, o conhecimento deixa de ser compartimentalizado e passa a se constituir como ferramenta de leitura da realidade, sendo impulsionado por práticas colaborativas entre docentes.

Contudo, os autores também reconhecem limites estruturais e institucionais à efetivação de propostas curriculares integradas. Conforme argumentam Freitas, Pinto e



Pimenta (2021), muitas escolas ainda mantêm uma lógica verticalizada, centrada na uniformização das práticas pedagógicas, o que dificulta o reconhecimento das diferenças. Essa crítica é reforçada por Venâncio et al. (2024), ao indicarem que a rigidez na organização dos currículos inviabiliza o planejamento coletivo e a escuta ativa dos sujeitos.

No que se refere ao papel do professor, Cardoso et al. (2023) apontam que a figura do docente pesquisador se torna essencial em contextos que demandam a reconstrução curricular. Esse profissional, ao compreender a dinâmica social e cultural do meio em que atua, passa a desenvolver práticas que transcendem o tecnicismo, promovendo aprendizagens mais significativas. Ao mesmo tempo, enfrenta o desafio de transformar o cotidiano escolar por meio da ação reflexiva e da mediação crítica.

Outro ponto relevante nos resultados analisados é a contribuição das tecnologias digitais para o processo educativo. Freitas, Pinto e Pimenta (2021) compreendem que, ao invés de reproduzirem modelos tradicionais de ensino, as TIC devem potencializar práticas pedagógicas colaborativas e criativas. Isso significa que o currículo deve incluir esses recursos não como fim em si mesmos, mas como meios para ampliar a participação, a autoria e a construção coletiva do conhecimento.

Embora as contribuições dos autores sejam convergentes quanto à necessidade de transformação do currículo, observa-se que algumas propostas enfrentam obstáculos políticos e administrativos. Venâncio et al. (2024) chamam atenção para a ausência de condições institucionais favoráveis à interdisciplinaridade, como tempos pedagógicos flexíveis e espaços de formação contínua para os professores. Essa constatação aponta para a urgência de políticas públicas que garantam suporte técnico e pedagógico à implementação de currículos mais sensíveis ao contexto.

Ademais, é importante destacar que a ênfase na escuta e na subjetividade discente não implica relativismo pedagógico. Ao contrário, Cardoso et al. (2023) defendem que a construção do conhecimento escolar exige rigor, método e intencionalidade educativa, sendo o currículo uma mediação entre os saberes sociais e os objetivos formativos. Nesse cenário, a escuta não se restringe ao acolhimento, mas envolve também a responsabilidade de ensinar, avaliar e intervir com equidade.

Por fim, os achados indicam a necessidade de investigações futuras que analisem



como projetos curriculares integrados são implementados em diferentes realidades escolares, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Tais estudos poderiam contribuir para mapear práticas inovadoras, identificar entraves e subsidiar processos formativos. Como propõem Freitas, Pinto e Pimenta (2021), é fundamental repensar a escola como espaço vivo, capaz de reconstruir-se constantemente a partir da escuta, do diálogo e da ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito analisar possibilidades de construção de um currículo com alma, centrado na valorização do vínculo humano, na escuta ativa dos sujeitos e na articulação entre os saberes escolares e os saberes da vida. Com base na análise teórica desenvolvida ao longo dos capítulos, foi possível identificar que o currículo, quando orientado por princípios éticos e formativos, assume papel decisivo na constituição de sujeitos críticos e historicamente situados.

As reflexões empreendidas permitiram responder à problemática inicialmente proposta, ao evidenciar que um currículo sensível às subjetividades e à diversidade discente exige a superação de práticas pedagógicas padronizadas, bem como a incorporação de metodologias participativas e integradoras. A partir das categorias investigadas — vínculo humano, escuta e pedagogia do cuidado — demonstrou-se que o processo educativo pode ser ressignificado quando alicerçado na escuta qualificada, na compreensão do contexto social dos estudantes e na atuação docente comprometida com a transformação social.

O objetivo de discutir alternativas para estruturar currículos que dialoguem com a vida real foi atingido ao se verificar que a integração entre os conteúdos acadêmicos e as práticas sociais depende da ruptura com a fragmentação disciplinar e da reconfiguração do tempo e espaço escolares. As análises realizadas mostraram que práticas interdisciplinares, projetos contextualizados e gestão democrática são condições essenciais para que o currículo reflita os desafios contemporâneos e contribua efetivamente para a formação integral dos estudantes.

Apesar das contribuições teóricas encontradas, identificaram-se limitações no que se refere à implementação concreta das propostas curriculares em contextos



escolares diversos. As barreiras institucionais, a escassez de formação continuada docente e a rigidez dos sistemas educacionais ainda representam entraves à efetivação de currículos integrados e sensíveis às realidades locais.

Diante dessas lacunas, sugerem-se investigações futuras que explorem, de modo empírico, experiências pedagógicas inovadoras em diferentes redes de ensino, especialmente na educação básica e na educação profissional. Também se recomenda o esquadramento de estudos sobre os efeitos da escuta ativa no desenvolvimento da autonomia discente, bem como pesquisas que examinem os impactos da gestão escolar na incorporação de práticas curriculares contextualizadas e participativas.

Em síntese, conclui-se que pensar um currículo com alma implica repensar a própria finalidade da escola, reconhecendo-a como espaço de humanização, diálogo e construção coletiva do conhecimento, orientado por valores éticos, compromisso social e respeito à diversidade.



REFERÊNCIAS

CARDOSO, R. R.; PINHEIRO, B. R.; PINHEIRO, B. A. P.; SOUZA, J. C. M. Currículo escolar: o caminho para uma educação contextualizada e emancipadora. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 10, n. 6, p. 145-149, 2023.

FREITAS, A. Z. S. de; PINTO, A. P.; PIMENTA, J. S. A construção do currículo e os desafios da escola na sociedade contemporânea. **Educação Pública**, v. 21, n. 17, 2021.

SANTANA, A. C. de A.; NARCISO, R.; FERNANDES, A. B. Explorando as metodologias científicas: tipos de pesquisa, abordagens e aplicações práticas. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, p. e13333, 2025.

VENÂNCIO, C. F. F.; LIMA, J. R. de; TAVARES, S. R. M.; MEDEIROS, E. M. P. B. de; NARCISO, R. Saberes que se encontram: currículo integrado e interdisciplinaridade na educação profissional e tecnológica. **Missioneira**, v. 26, n. 3, p. 157-167, 2024.